

# PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL: ANÁLISES SOB A NECROPOLÍTICA E RACISMO ESTRUTURAL

COVID-19 PANDEMIC IN BRAZIL: ANALYSIS UNDER NECROPOLITICS AND STRUCTURAL RACISM  
PANDEMIA DE COVID-19 EN BRASIL: ANÁLISIS BAJO LA NECROPOLÍTICA Y RACISMO ESTRUCTURAL

Josiane Moreira Germano <sup>1</sup>

Tatiana Almeida Couto <sup>2</sup>

## Como Citar:

Germano JM, Couto TA. *Pandemia de covid-19 no brasil: análises sob a necropolítica e racismo estrutural*. *Sanare*. 2022;21(1):84-93.

## Descritores:

Coronavírus; Racismo; Grupo com Ancestrais do Continente Africano; Povos indígenas; Iniquidade social.

## Descriptors:

Coronavirus; Racism; Group with Ancestors from the African Continent; Indigenous people; Social inequity.

## Descriptores:

Coronavirus; Racismo; Grupo con Ancestrales del Continente Africano; Pueblos indígenas; Iniquidad social.

## Submetido:

18/02/2021

## Aprovado:

06/06/2022

## Autor(a) para Correspondência:

Josiane Moreira Germano  
Faculdade de Saúde Pública/USP  
Rua Custódio Tavares da Silva, n.º 265  
Londrina/Paraná  
CEP: 86037-230  
E-mail: j\_mg87@yahoo.com.br

## RESUMO

*Objetivou-se analisar os impactos da pandemia de covid-19 a partir da necropolítica e racismo estrutural. Trata-se de uma reflexão teórica que propõe discutir a imbricação entre a covid-19 com os conceitos de Necropolítica, Racismo Estrutural e Monstro do Genocídio do Povo Negro, mediante leituras críticas de materiais disponibilizados em meios digitais, a exemplo de debates relacionados à saúde coletiva brasileira pela Rede Unida, à Associação Brasileira de Saúde Coletiva e ao Centro de Estudos Brasileiros de Saúde. Desse modo, partimos da seguinte reflexão: O que as mais de 667 mil mortes causadas pela covid-19 dizem sobre as vidas perdidas? Apesar da covid-19 não fazer distinção de corpos, são aqueles, factualmente, deixados à margem da sociedade, a exemplo dos corpos pretos, pobres, indígenas e quilombolas, que a covid-19 mais acometeu, uma vez que as medidas adotadas pelo Estado não garantiram condições materiais para o enfrentamento da pandemia e tudo o que ela acarretou. Assim, operando como um dispositivo, a covid-19 evidencia o quanto o racismo estrutural retroalimenta-se historicamente do projeto genocida do Estado, programando quem deve viver-morrer e escancarando dois “vírus” sistêmicos e persistentes no país há pelo menos 520 anos: racismo e desigualdade social.*

1. Fisioterapeuta. Discente do Doutorado em Saúde Pública - Universidade de São Paulo (USP), Faculdade de Saúde Pública (FSP). Mestra em Ciências da Saúde. Docente do Curso de Graduação em Fisioterapia - Centro Universitário Filadélfia (UniFil) e da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Londrina - Paraná, Brasil. [ORCID: 0000-0002-7012-0687](https://orcid.org/0000-0002-7012-0687).

2. Enfermeira. Doutora em Ciências da Saúde. Docente do Curso de Graduação em Enfermagem - Centro Universitário de Ciências e Empreendedorismo (UNIFACEMP). Santo Antônio de Jesus - Bahia, Brasil. [ORCID: 0000-0002-4843-1569](https://orcid.org/0000-0002-4843-1569).

## ABSTRACT

*The objective was to analyze the impacts of the covid-19 pandemic from the point of view of necropolitics and structural racism. This is a theoretical reflection that proposes to discuss the overlap between covid-19 with the concepts of Necropolitics, Structural Racism, and the Monster of the Genocide of the Black People, through critical readings of material available in digital media, such as debates related to Saúde Coletiva Brasileira Rede Unida, the Associação Brasileira de Saúde Coletiva, and the Centro de Estudos Brasileiros de Saúde. Therefore, we start from the following reflection: What do the more than 667 thousand deaths caused by covid-19 say about the lives lost? Although covid-19 does not distinguish between bodies, it is those, factually, left on the margins of society, such as black, poor, indigenous, and quilombola bodies, that were most affected by covid-19, since the measures adopted by the State did not guarantee material conditions to face the pandemic and all that it entailed. Thus, operating as a device, covid-19 shows how much structural racism feeds back historically from the State's genocidal project, programming who should live and die and bringing into evidence two systemic and persistent "viruses" in the country for at least 520 years: racism and social inequality.*

## RESUMEN

*Se objetivó analizar los impactos de la pandemia de covid-19 a partir de la necropolítica y racismo estructural. Se trata de una reflexión teórica que propone discutir la imbricación entre la covid-19 con los conceptos de Necropolítica, Racismo Estructural y Monstruo del Genocidio del Pueblo Negro, mediante lecturas críticas de materiales disponibles en medios digitales, como ejemplo de debates relacionados a la Salud Colectiva brasileña Red Unida, a la Asociación Brasileña de Salud Colectiva y al Centro de Estudios Brasileños de Salud. De ese modo, partimos de la siguiente reflexión: ¿Lo que las más de 667 mil muertes causadas por la covid-19 dicen sobre las vidas perdidas? Mismo que la covid-19 no haga distinción de cuerpos, son aquellos, factualmente, dejados al margen de la sociedad, a ejemplo de los cuerpos negros, pobres, indígenas y quilombolas, que la covid-19 más acometió, una vez que las medidas adoptadas por el Estado no garantizaron condiciones materiales para el enfrentamiento de la pandemia y todo lo que ella ha generado. Así, operando como un dispositivo, la covid-19 evidencia lo cuanto el racismo estructural se retroalimenta históricamente del proyecto genocida del Estado, programando quiénes deben vivir-morir y abriendo las puertas a dos "virus" sistémicos y persistentes en el país desde hace 520 años por lo menos: racismo y desigualdad social.*

.....

## INTRODUÇÃO

Descortinando as mazelas do Brasil, evidencia-se que a pandemia de covid-19 mostra como os corpos são afetados de modos bastante distintos aos seus efeitos, especialmente em um país continental e absolutamente desigual (com todas as suas diferenças regionais e estruturais), que, além da pandemia, desvela as crises política, econômica e civilizatória. Explicitando as desigualdades, observa-se que a pandemia assola ainda mais os sujeitos que se encontram em situações de vulnerabilidade. É mister dizer que a pandemia quando adentrou nas comunidades e nas periferias dos grandes centros urbanos, alastrando-se para os interiores, aumentou drasticamente o número de infectados e também o próprio perfil de mortalidade (primeiramente, idosos; agora, a população como um todo)<sup>1</sup>. Esse dado é importante, uma vez que essas populações ditas como as mais vulneráveis são aquelas mais

expostas às aglomerações, a exemplo das populações que vivem nas comunidades e nos bairros periféricos.

Mediante o histórico escravocrata e colonialista, o racismo é estrutural e estruturante, sedimenta as nossas relações em sociedade. Em particular, no Brasil, o racismo se fortalece no negacionismo e também pela falsa simetria racial (mito da democracia racial) que se desvela em descaso e violência de Estado, sobretudo quando as pesquisas que analisam a situação das pessoas negras no Brasil evidenciam que as ocupações dessa população estão em todos os espaços de subalternidade. O que não é diferente em relação às moradias nas quais a presença da população negra faz-se maioria absoluta: nas favelas, nos cortiços, nas palafitas, na rua, nas cadeias, e nos empregos precários<sup>2,3</sup>.

Como consequência das implicações da desigualdade, nota-se que as populações mais vulneráveis também são impedidas de cumprir as medidas de proteção como o distanciamento e

isolamento social, uma vez que, pela necessidade material de suas existências, essas mesmas pessoas superlotam os transportes públicos, filas de banco para o recebimento do auxílio emergencial, aglomeram-se em portas de escolas ou centros comunitários para recebimento da alimentação diária (quentinhas) e cestas básicas, e também transitam por muitos espaços para acessarem seus empregos<sup>4</sup>. Evidenciam-se aqui também as trabalhadoras domésticas, zeladores(as), babás, trabalhadores(as): de aplicativos, informais e autônomos; trabalhadores(as) dos serviços denominados essenciais (supermercados e farmácias) e profissionais de saúde. Enfim, que enfrentam espaços de “risco” diariamente, assim como pessoas que vivem nas ruas e fazem dela o seu espaço-casa-trabalho<sup>5</sup>.

Dessa maneira, não seria diferente o impacto desigual da covid-19 entre as classes sociais. O racismo pavimentou a construção da sociedade brasileira e, portanto, mesmo um vírus que assolaria a todos sem distinção, pela questão da desigualdade, do racismo e da necropolítica, aumenta a exposição das pessoas pretas aos seus efeitos, incluindo os mais severos (reitera-se que os problemas de desigualdade e do racismo não se iniciaram com o advento da pandemia). Nessa direção, para o meio de transmissão, como é a da covid-19, assistimos e ainda assistiremos a mortes em grandes proporções, especialmente dessas populações vulnerabilizadas.

Nesse cenário, a pandemia explicita as facetas da desigualdade que refletem na saúde. Por isso, as respostas aos impactos passam pela promoção de direitos, garantindo renda, proteção aos direitos sociais e o compromisso com um Sistema Único de Saúde (SUS) público, estatal e de qualidade. Este trabalho torna-se importante uma vez que busca explicitar o impacto do racismo estrutural e da necropolítica nas populações em condição de vulnerabilidade, especificamente no que tange ao cuidado, ao acesso à saúde e, sobretudo, como essas impactam nos desfechos relacionados à covid-19. Portanto, esses debates auxiliam em ampliar a visibilidade para a produção de políticas públicas de saúde, o compartilhamento de diálogos, saberes populares e científicos sobre a temática e as relações com a Saúde Coletiva, e na construção de relações mais sensíveis, neste caso, voltadas para a população negra.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS)<sup>6,7</sup>, “as desigualdades quanto à saúde e à assistência

sanitária dos grupos étnicos e raciais são óbvias e que, das explicações de tais desigualdades, o racismo é a mais preocupante”. Nessa linha, compreende-se que o SUS, para uma sociedade mais equânime, é uma das bandeiras a serem levantadas nas lutas antirracistas<sup>7</sup>. Assim, reitera-se que a participação social na defesa e no resgate dos princípios do SUS é de extrema importância para reafirmar a saúde como um direito fundamental na contracorrente do projeto genocida, xenofóbico e colonialista. Portanto, este estudo pretende analisar os impactos da pandemia de covid-19 no Brasil, sob a lente da necropolítica e racismo estrutural.

## METODOLOGIA

Trata-se de uma reflexão teórica que se propõe a analisar os efeitos da pandemia de covid-19 no Brasil. O texto traz alguns dados oriundos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), Boletins Epidemiológicos lançados pelo Ministério da Saúde e o Departamento de Informática do SUS (DATASUS). A partir de dados como raça/cor, o intuito é produzir reflexões sobre os impactos do racismo estrutural e da necropolítica em populações vulnerabilizadas, no contexto da covid-19; bem como a realização de leituras críticas de materiais disponibilizados em meios digitais, a exemplo de debates relacionados à Saúde Coletiva brasileira pela Rede Unida, Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO) e Centro de Estudos Brasileiros de Saúde (CEBES).

Nossas análises não buscam enunciar a totalidade, mas sim reconhecer esses elementos como dispositivos de continuidade da precarização da vida e, sobretudo, os valores dados aos corpos historicamente negligenciados pelo Estado brasileiro desde a sua constituição. Para tanto, trabalhou-se com a perspectiva do racismo enquanto um “vírus sistêmico e persistente”, assim como a desigualdade social nesse lugar de “vírus”, constituindo-se como um conjunto de dispositivos que há pelo menos 520 anos endereçam a um lugar de marginalidade vidas negras, pobres, indígenas e quilombolas, ou seja, vidas que não obedecem ao padrão hegemônico, normativo e patriarcal.

Para essa perspectiva, a análise foi ancorada nos conceitos de Necropolítica do sociólogo camaronês Achille Mbembe; Racismo Estrutural, de Silvio de Almeida; e o Monstro do Genocídio, teorizado pela

pós-doutora em filosofia africana, Aza Njeri.

A necropolítica, para Mbembe<sup>8</sup>, atua como dispositivo teórico para a compreensão da ação política nos países ditos periféricos. Dessa maneira, o racismo constituiu-se como um elemento de controle, como uma tecnologia de poder e dominação sobre os corpos. Mediante isso, elencam-se os efeitos do colonialismo e do sistema escravocrata para a emergência das desigualdades e das violências da população negra (sem distinção de gênero, mas o racismo opera de modos diversos em homens e mulheres).

Ainda que o racismo faça parte da história moderna, salvaguardando a relação com a formação do Estado, por muito tempo ficou adstrito apenas às esferas individual e comportamental. Para Silvio de Almeida, o conceito de raça foi desenvolvido pelo modelo de Estado burguês para organizar as relações políticas, sociais, econômicas, educacionais e também jurídicas, a fim de “categorizar” e manter um status hegemônico. Nesse contexto, o Estado, responsável por formar uma unidade, o nacionalismo, tende a hierarquizar as multiplicidades cultural, étnica, religiosa e sexual, criminalizando, domesticando ou estigmatizando aquele que não interessa à identidade nacional.

Muito além dos fatores comportamentais e individuais, o racismo ganhou, ao longo do tempo, diversas expressões (seja pelos aspectos biológico, científico ou sociocultural), o que caracteriza o racismo como um fenômeno complexo, ao qual denominamos como um “vírus sistêmico e persistente”. No Brasil, por exemplo, país que contém a maior população negra fora do continente africano, o negro sempre esteve refém desse fenômeno, sendo considerado inferior à capacidade de consumo, intelectual e cognitiva<sup>9</sup>.

Acerca do Monstro do Genocídio do Povo Negro<sup>10</sup>, a autora evidencia a figura arquetípica executora da máquina genocida ocidental, isto é, seria um monstro que mira no Povo Negro e em toda a diversidade que a alteridade ao Ocidente pode conter. Compreendendo, portanto, a heterogeneidade desse povo, o Monstro desenvolve tentáculos específicos para cada particularidade presente nessa diversidade negra, criando braços genocidas que miram em crianças, adultos e idosos, mulheres e homens, pessoas LGBTQIA+, moradores de ruas e de favelas, pobres e miseráveis, acadêmicos, praticantes de espiritualidades de matriz africana, traficantes e policiais etc. Significa afirmar que há tentáculos

para todos os negros sob a égide do Ocidente. Há negros com mais de um tentáculo sobre seus corpos, e, principalmente, esse ataque genocida não é apenas físico, mas também psicológico, espiritual, ontológico, semiótico, nutricida e epistemicida.

Dessa maneira, mediante os arranjos, esses três conceitos retroalimentam-se e, ajustados à covid-19, são capazes de produzir corpos ainda mais invisibilizados, não passíveis de cuidado, de luto, de viver em plenitude, os quais serão evidenciados neste trabalho, a partir das seguintes categorias analíticas: “Necropolítica: quem vive, quem morre e a produção de corpos infames”; “Pensando nos efeitos da desigualdade que se expressam em números: iniquidades sociais e de saúde”; e, por fim, “Racismo, covid-19 e a cegueira da cor: a invisibilidade dos dados relacionados à raça”.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### **Necropolítica: quem vive, quem morre e a produção de corpos infames**

Na marca ultrapassada de 667 mil vidas perdidas, de quais vidas falamos quando nos direcionamos às mortes causadas pelo novo coronavírus no Brasil? Apresenta-se esse paradoxo para pensar a aposta necropolítica do Estado, que abarca em si o negacionismo, racismo estrutural e políticas de austeridade, endereçando a esses corpos um único fim: apenas a estatística. Assim, observa-se que as mortes por covid-19, expressadas em dados numéricos (enunciados nos boletins epidemiológicos), encontram nos corpos pretos, pobres, indígenas e quilombolas um lugar de produção de “corpos infames” – termo cunhado pelo filósofo Michel Foucault para designar corpos que carregam em si a invisibilidade histórica<sup>11</sup>. A esses corpos, pelo viés escravagista-colonialista, é dubitável o grau de humanidade conferido a eles e, por consequência, a passibilidade de luto. Ainda, pela infâmia, o genocídio indígena e os ataques aos seus territórios (assim como os quilombolas) escancaram que corpos não hegemônicos entram numa classificação de infâmia diante da lente racista e xenofóbica do cenário posto no Brasil desde a sua gênese.

Com a criação da ideia de raça, denota-se que isso legitimou diversos adventos bastante violentos na humanidade, como o sequestro de milhares de africanos retirados de seu continente, deslocando

milhares de povos de seu eixo civilizatório, de sua cultura, religião, costumes e tradições, reverberando nos efeitos psíquicos de todos os seus descendentes, nas mais distintas diásporas negras no mundo, os quais ainda sofrem na atualidade. Reitera-se que, por meio de um cunho filosófico, o racismo colaborou para a manutenção de uma ontologia e epistemologia dominantes.

Ao analisar essas questões raciais, de cunho ontológico e epistemológico, ao longo da história, é possível compreender que, em muitos momentos, os conceitos e os fatos implicam em uma relação de poder; assim, o sujeito que detém o poder político e econômico passa a determinar a epistemologia vigente, ou hegemônica<sup>12</sup>. Com o epistemicídio negro e a manutenção da ontologia hegemônica, tudo advindo de África ou que faça menção a ela ganhou, no mundo, um lugar de “subutilidade”, “subalternidade”, o lugar da infâmia. Assim, isso tornou-se justificativa para a escravização dos “povos sem alma”, como dizia Voltaire, no século XIV, dentre outros filósofos alemães do século XX.

Com o passar dos séculos, para a manutenção da máquina ocidental, legitima-se o poder de morte do outro, a começar pela denominação, determinando hierarquias entre as raças (tidas como ruins e inferiores, dados os povos do continente africano), o que se torna um dispositivo para a produção dessa infâmia. Mbembe, ao tecer análises sobre as tecnologias de poder contemporâneas, destaca as “formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de ‘mortos-vivos’”<sup>8:18</sup>, uma necropolítica, poder que mata, que subjuga a vida ao poder da morte<sup>13</sup>.

Com isso, observa-se que os processos de desumanização e objetificação dos corpos negros se atualizam por meio de necropolítica nos dias atuais. A pandemia de covid-19 é dispositivo que deu e ainda dá visibilidade à cronificação da atuação necropolítica do Estado, produzindo mortes, sobretudo desses corpos infames, pobres e pretos, que se confirmam, numa série de estudos, como as grandes vítimas da covid-19<sup>14</sup>. Diante disso, indagamos: Como essas vidas não são passíveis de luto, assistiremos ao seu desaparecimento sem rastros, sem registros, a não ser como dados numéricos de vítimas de covid-19 em boletins epidemiológicos? Pode o Estado fazer corpos negros, pobres, indígenas, periféricos e quilombolas viverem? Ou são corpos que o Estado deixa à própria sorte? Conforme visto nos pedidos

de despejo de quilombolas e invasão das terras indígenas, por exemplo.

Assim, a concepção de necropolítica ajuda no entendimento das diferenças existentes nas ações do Estado em relação a determinados grupos e à distribuição diferencial de direito à vida<sup>13-15</sup>. Nesse sentido, a relativização sobre a gravidade da epidemia pela liderança nacional, ainda que ganhe um efeito desprezioso, desvela a aposta no necrobiopoder que vem sendo executada pelo Estado. Numa sociedade que pavimentou o racismo para a construção dos seus sistemas políticos como o Brasil, segundo Foucault<sup>16:146</sup>, “formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte”, imbricam-se duas ideias que se retroalimentam: a primeira, que existem diferentes raças humanas; e a segunda, que existem raças humanas que são inferiores às outras.

Diante disso, Bento<sup>17:4</sup> evidencia que o Brasil mantém um vírus constante e persistente que sedimenta as políticas de fazer morrer, com técnicas planejadas e sistemáticas através de atos contínuos do Estado contra populações que serão dizimadas. Assim, a pandemia evidencia as faces do racismo estrutural que tangencia todas as nossas relações, permeadas pelas desigualdades de acesso a serviços de saúde, educação, moradia segura e condições básicas materiais de existência (como saneamento básico, alimentação e emprego, por exemplo). Então, a desigualdade social pavimentada pelo racismo faz da covid-19 dispositivo potente e latente no extermínio desses corpos.

### **Pensando nos efeitos da desigualdade que se expressam em números: iniquidades sociais e de saúde**

A disparidade entre as classes e raças no Brasil sempre existiu e, ao mesmo tempo, sempre esteve cortinada pelo mito da democracia racial. O silêncio e o não dito sobre o racismo brasileiro marcam o preconceito da formação da cidadania em todas as direções<sup>3</sup>. Quando os debates são racializados, percebe-se que em todas as ocupações as pessoas pretas são atingidas drasticamente, como dito anteriormente. De acordo com o IBGE, a maior parte da população brasileira é composta por pessoas que se autodeclararam pretas ou pardas. Em 2016, mais de 112 milhões de brasileiros, 54,9% da população, declararam-se pretos; quando são considerados apenas os 10% mais pobres, a proporção é ainda maior: 75%. Ocupando os piores índices, quase 80%

das pessoas pretas no Brasil não têm acesso a planos de saúde, sendo que essa parcela representa 67% dos cuidados do SUS<sup>18</sup>.

Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios<sup>18</sup> apontam que o IDH experimentado por brancos é 14% maior que o de pessoas pretas (o IDH de negros atualmente é o equivalente ao que as pessoas brancas tinham em 2000). A pesquisa também aponta que a experiência de uma pele não branca torna-se mais difícil no âmbito educacional e estrutural, em termos de moradia, acesso à saúde e lazer. O abismo entre pessoas brancas e pretas também pode ser explicitado em diversos sentidos, como: esperança ao nascer, expectativa de estudos aos 18 anos (a taxa de analfabetismo de pretos e pardos com 18 anos ou mais supera 14%, enquanto brancos possuem pouco mais de 6%), a proporção de extremamente pobres (9,4% negros e 3,3% brancos) e condições de saneamento básico. Observa-se também que são os brancos que apresentam o maior rendimento médio domiciliar *per capita*, ganhando quase o dobro da população negra: R\$ 1.846 contra R\$ 934<sup>19</sup>.

Além disso, os negros estão mais inseridos em grupos de risco, uma vez que há maior prevalência de comorbidades como hipertensão (44,2%) e diabetes (12,7%), quando comparados aos brancos (22,1% e 6,2%, respectivamente). Também são notadas doenças como anemia falciforme e outras enfermidades, como depressão e tabagismo. Negras(os) relatam piores índices de autoavaliação de saúde. O mesmo acontece em relação à doença cardíaca (7%), à asma (8%) e às doenças negligenciadas, a exemplo da tuberculose<sup>20</sup>.

Sobre as ocupações territoriais na cidade, no que se refere à distribuição no espaço geográfico, as pessoas pretas residem em lugares segregados e essa segregação residencial é racial e tem impacto direto nas condições adversas à saúde, tendo em vista a pouca presença de equipamentos de saúde, a exemplo de unidades básicas de saúde, farmácias e espaços de lazer, convivendo cotidianamente com elevados índices de violência, resultando no acúmulo de agravos à saúde física e mental<sup>18,19</sup>. Destaca-se a questão de territórios ocupados por pessoas pretas, que são altamente povoados, como as comunidades e as favelas dos grandes centros urbanos, onde aproximadamente 13,6 milhões de brasileiros vivem em favelas no país<sup>20,21</sup>. No Brasil, em relação às questões sanitárias, aproximadamente 50% da população não tem esgoto coletado e 35 milhões de pessoas não têm acesso à água tratada, o que leva a

mais de 300 mil internações por ano<sup>18,21</sup>.

Esse conjunto de fatores implica em reconhecer o racismo muito bem sedimentado no Brasil, que, para Almeida<sup>9</sup>, pode ser designado em três classificações: individual, institucional e estrutural, que compõem as experiências dos corpos racializados na sociedade. Ressalta também que não existe racismo que não seja estrutural, uma vez que essa estruturação se dá pela formalização de um conjunto de práticas institucionais, históricas, culturais e interpessoais dentro de uma sociedade que ocupa um lugar de subalternidade. A Organização Mundial da Saúde concebe o racismo como um dos determinantes sociais do processo de adoecimento e morte.

Arelado a isso, esses “corpos infames”, ao enfrentar esse conjunto de indicadores negativos e os efeitos produzidos em seus corpos, despertam para a necessidade de se dar visibilidade ao debate do racismo ambiental, que diz respeito à discriminação racial no direcionamento deliberado de comunidades étnicas e minoritárias para a exposição a locais e instalações de resíduos tóxicos e perigosos, com a exclusão sistemática desses sujeitos na formulação, aplicação e remediação de políticas ambientais<sup>22</sup>. É uma questão que traz para a cena a expropriação de territórios. Quando acontece no campo, muda totalmente o modo de produção de vida desses povos (leia-se indígenas e quilombolas) dentro de seus próprios espaços, impondo o *modus operandi* branco. E, quando acontece no meio urbano, percebe-se a produção de práticas ofensivas ao meio ambiente, ou a discriminação de grupos sociais geograficamente localizados, e podem ser motivadas por raça, cor ou classe social<sup>23</sup>.

Sobre a questão racial e ambiental, notamos que as mortes podem ocorrer por toxoplasmose em áreas insalubres, contaminadas, como em áreas que são lixões industriais, com possibilidades de morrerem ainda mais nas secas, fome e processos de imigração. Por isso, o binômio meio ambiente e território sempre será uma pauta racial<sup>24</sup>. “Longe de ser um problema individual, é uma realidade oculta, é uma realidade social evidente e facilmente verificável quando se anda em periferias, favelas, subúrbios e quebradas”<sup>22:4</sup>.

### **Racismo, covid-19 e a cegueira da cor: a invisibilidade dos dados relacionados à raça**

A covid-19 tem interrogado o modo no qual a nossa sociedade está estruturada. A doença, que

inicialmente afligiu principalmente pessoas de classe média alta, já anunciava o seu potencial de dizimação de corpos, especialmente os quais chamamos de “infames”, principalmente pelo encontro com as vulnerabilidades e desigualdades estruturais do país. A começar pelo primeiro caso diagnosticado de novo coronavírus no Brasil e a primeira morte pela doença, no dia 17 de março de 2020, no Rio de Janeiro. Esse fato, a morte de uma empregada doméstica, mulher preta e idosa, que adquiriu o vírus de seus patrões, recém-chegados da Europa, pôs rapidamente em cena a confirmação futura dos dados que caracterizariam quem predominantemente morreria pela covid-19 no Brasil, país em que a figura da empregada doméstica é considerada um emblema da suposta superioridade das classes abastadas.

Assim, como indica a hierarquização do trabalho pelo critério de superioridade racial, relegou-se aos negros e indígenas a escravidão e a servidão, respectivamente, e ainda na atualidade os alijam dos cargos de melhor remuneração e prestígio social. Assim, a tentativa de cravar o trabalho doméstico como serviço essencial reforça a herança escravocrata no Brasil e a exploração de gênero e raça, uma vez que mulheres pretas massivamente ocupam essa função<sup>25</sup>.

Outro exemplo foi o caso de Sara Côrtes, patroa de Mirtes Souza, que foi diagnosticada com a doença, mas não foi afastada do trabalho. Enquanto a empregada doméstica passeava com os cachorros da patroa na rua, seu filho, Miguel, perdeu a vida ao cair do elevador à procura da mãe. Esse é um reflexo da dificuldade de famílias negras de manterem suas finanças, gerando dependência de seus patrões que, muitas vezes, com posturas segregacionistas, reforçam o papel de poder sobre as empregadas. Qual era o grau de humanidade dado a Miguel por Sara? Seria Miguel um corpo infame? Quais são os estigmas que corpos de crianças negras/jovens negros carregam ao longo da história?

As mesmas análises também podem ser ampliadas para homens, nas mais diversas circunstâncias de trabalhos insalubres e o grande potencial de transmissão da covid-19, seja na ocupação de seguranças de estabelecimentos, motoristas de ônibus ou aqueles que ocupam lugares aglomerados como os ambulantes. Para Navarro et al.<sup>13</sup>, a disseminação para territórios nos quais os modos de vidas são majoritariamente aglomerados, como é o caso das periferias, evidenciaria a “periferização” da covid-19, das mortes, revelando todas as

vulnerabilidades e iniquidades às quais as populações mais pobres sofrem, como o acesso ao SUS, em que cerca de 70% dos brasileiros são dependentes, o que é quase o quantitativo de pessoas negras que morreram nessa pandemia.

A taxa de letalidade pelo novo coronavírus entre negros é maior que entre brancos. Segundo o Ministério da Saúde, enquanto o número de internações de pessoas brancas caiu (de 74% para 60%), houve aumento de hospitalizações de pessoas pretas (de 23% para 37%). O número de mortes também sofreu redução para brancos (64,5% para 53%), enquanto o oposto aconteceu com pessoas pretas, que passaram de 33% para 42%<sup>25</sup>. A preexistência de doenças crônicas como hipertensão arterial, diabetes *mellitus* e doença/anemia falciforme também implicaram em variáveis importantes, como fator de risco para o óbito por covid-19<sup>26</sup>.

O racismo, no tocante à saúde, pode se manifestar de diversas formas, materializado no racismo institucional, que, na maioria das vezes, ocorre de forma implícita na manutenção e reprodução de um conjunto de estereótipos negativos que perduram no imaginário social do brasileiro sobre pessoas pretas. A atenção e o cuidado dos trabalhadores, dado o seu pertencimento racial, pode criar barreiras de acesso e hierarquias no atendimento, ou seja, quem faz viver e quem deixa morrer (lógica do biopoder, por Michel Foucault). Assim, pessoas pretas apresentam maior risco de disparidades no acesso aos serviços, sobretudo diante da pandemia de covid-19, tanto na qualidade dos cuidados recebidos como nos resultados de saúde. De acordo com o Sistema Sivep-Gripe, do OpenDataSUS<sup>27</sup>, a vítima-padrão da covid-19 é homem, preto e pobre.

Quanto à covid-19, na maioria dos Estados brasileiros, a exemplo do estado de São Paulo, epicentro da doença, negros têm um risco 62% maior de morrer por essa patologia, de acordo com a prefeitura da capital e o Observatório covid-19. Pardos enfrentam possibilidade 23% maior<sup>28</sup>. Outros indicadores também se encontram maiores, quando se fala em letalidade entre pretos e brancos, assim como o grau de escolaridade (80% entre pretos, enquanto a taxa entre brancos com nível superior é de menos de 20%).

Portanto, sem registros, “obscuras como milhões de outras que desapareceram e desaparecerão no tempo sem deixar rastro – nenhuma nota de fama, nenhum feito de glória, nenhuma marca de nascimento, apenas o infortúnio de vidas

cinzentas para a história”<sup>12</sup>. Assim, evidenciamos que a desigualdade pavimentada pelo racismo faz da covid-19 dispositivo potente para o genocídio desses corpos.

## CONCLUSÃO

Este trabalho buscou dar visibilidade às desigualdades sociais, evidenciando como um dos fatores bastante importantes para o enfrentamento da covid-19. Observa-se que, mediante essa desigualdade, a população negra é projetada para enfrentar as piores condições de moradia, emprego, renda, acesso à saúde e educação, sob a lente da covid-19. Para tanto, é necessário fortalecer o debate acerca das desigualdades sociais no país, e buscar recursos para seu enfrentamento, mediante políticas públicas, mobilizações populares e articulações intersetoriais para a organização nas diversas áreas que imbricam na produção dessas desigualdades no acesso em saúde, educação, na geração de renda, em moradia, por exemplo.

Reitera-se que a pandemia evidencia o quanto o racismo se manifesta como um dispositivo altamente tecnológico que é retroalimentado pela necropolítica e o projeto genocida do Estado, inclusive no desmonte de políticas públicas, nos âmbitos sociais, na área da saúde (na qual observa-se a mercantilização da mesma). Dessa maneira, denota-se que defender o SUS e suas políticas que endereçam o seu cuidado para as populações é lutar por um projeto político em defesa das vidas, todas elas, uma vez que as interfaces do sistema, e do Estado, muitas vezes, estão capilarizadas e materializadas pelo SUS, via Estratégia Saúde da Família, presente nesses territórios.

Sobre a articulação do racismo, necropolítica e, ainda, o Monstro do Genocídio do Povo Negro, esse conjunto de estratégias endereça aos corpos, marginalizados e invisibilizados historicamente, o lugar da estatística, perpetuando o apagamento das histórias e produzindo “corpos infames”. Outro aspecto importante é a não inclusão (ou a dificuldade de registros) do quesito raça-cor nos boletins, anunciando mais uma vertente expressa do racismo durante a pandemia.

Entre as limitações do estudo, apontamos a redação a partir de percepções de demais autores, nem sempre sendo possível o acesso a materiais produzidos por autores das respectivas populações ressaltadas, e, assim, como possíveis desdobramentos

futuros, pensa-se em aproximações e produções de narrativas com tais sujeitos, como em estudos de campo e por meio da cartografia de territórios e pessoas.

## CONTRIBUIÇÃO DAS AUTORAS

**Josiane Moreira Germano** e **Tatiana Almeida Couto** contribuíram igualmente com o delineamento, a realização da pesquisa e a redação e revisão crítica do manuscrito.

## REFERÊNCIAS

1. Fundação Oswaldo Cruz. Vulnerabilidades que se aproximam. Rev Radis [Internet]. 2020 [cited 2020 Dec 01];212. Available from: [https://radis.ensp.fiocruz.br/phocadownload/revista/Radis212\\_web.pdf](https://radis.ensp.fiocruz.br/phocadownload/revista/Radis212_web.pdf)
2. Geledés. População negra e Covid-19: desigualdades sociais e raciais ainda mais expostas. Geledés [Document on the internet]. 2020 [cited 2020 Dec 01]. Available from: <https://www.geledes.org.br/populacao-negra-e-covid-19-desigualdades-sociais-e- raciais-ainda-mais-expostas/>
3. Munanga K. Kabengele Munanga, o antropólogo que desmistificou a democracia racial no Brasil [Internet]. 2020 [cited 2020 Dec 01]. Available from: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Direitos-Humanos/Kabengele-Munanga-o-antropologo-que-desmistificou-a-democracia-racial-no-Brasil/5/44091>
4. Goes EF, Ramos DO, Ferreira AJF. Desigualdades raciais em saúde e a pandemia da Covid-19. Trab Educ Saúde [Internet] 2020 [cited 2020 Dec 01];18(3):e00278110. Available from: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S198177462020000300301&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198177462020000300301&lng=en&nrm=iso)
5. Borges SAC. As ruas e a Covid-19: novas e velhas expressões das desigualdades sociorraciais durante a pandemia [Document on the internet]. 2020 [cited 2020 Dec 01]. Available from: <https://www.geledes.org.br/as-ruas-e-a-covid-19-novas-e-velhas-expressoes-das-desigualdades-sociorraciais-durante-a-pandemia/>
6. Organização Mundial de Saúde. Salud y ausencia de discriminación. Documento de la OMS para la Conferencia Mundial Contra el Racismo, la Discriminación Racial, la Xenofobia y las Formas Conexas de Intolerancia. Serie de publicaciones sobre salud y derechos humanos. Ginebra: Organización Mundial de la Salud; 2001.



7. Almeida S. Roda Viva [Video on the internet] 2020 [cited 2020 Dec 01]. Available from: <https://www.youtube.com/watch?v=L15AkiNm0Iw>
8. Mbembe A. Necropolítica. 3. ed. São Paulo: n-1 edições; 2018.
9. Almeida S. Racismo estrutural. São Paulo: Editora Pólen Livros; 2019.
10. Njeri A. Reflexões artístico-filosóficas sobre a humanidade negra. Ítaca [Internet]. 2020 [cited 2020 Dec 22];36:164-226. Available from: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/31895>
11. Silva RP. Uma genealogia de infames. Rev latinoam psicopatol fundam [Internet]. 2011 [cited 2020 Dec 01];14(1):193-195. Available from: <https://doi.org/10.1590/S1415-47142011000100014>
12. Pessanha EAM. Do epistemicídio: as estratégias de matar o conhecimento negro africano e afrodiaspórico. Problemática: R Intern fil [Internet] 2019 [cited 2020 Dec 09];10(2):167-194. Available from: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/49136>
13. Navarro JHN, Silva MC, Siqueira LAR, Andrade MAC. Necropolítica da pandemia pela covid-19 no brasil: quem pode morrer? quem está morrendo? quem já nasceu para ser deixado morrer? Preprints Scielo [Internet]. 2020 [cited 2020 Dec 16]. Available from: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/901>
14. Avilez L. Movimento negro exige medidas do governo e pede lockdown no ES - 2020. A Gazeta [Internet]. 2020 [cited 2020 Dec 01]. Available from: [https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/movimento-negro-exige-medidas-do-governo-epedem-lockdown-no-es-0620?utm\\_medium=share-site&utm\\_source=whatsapp](https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/movimento-negro-exige-medidas-do-governo-epedem-lockdown-no-es-0620?utm_medium=share-site&utm_source=whatsapp)
15. Aun H. "Não é um número": projeto homenageia vítimas da Covid-19 no Brasil [Home-page on the internet]. 2020 [cited 2020 Dec 23]. Available from: <https://catracalivre.com.br/cidadania/nao-e-um-numero-projeto-homenageia-vitimas-da-covid-19-no-brasil/>
16. Foucault M. Em defesa da sociedade. Curso no Collège de France, 1975-1976. São Paulo: Martins Fontes; 2005.
17. Bento B. Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação? Cad Pagu [Internet]. 2020 [cited 2020 Dec 11];53(e185305). Available from: <https://catracalivre.com.br/cidadania/nao-e-um-numero-projeto-homenageia-vitimas-dacovid-19-no-brasil/>
18. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira [Document on the internet]. Rio de Janeiro: IBGE; 2019 [cited 2020 Dec 11]. Available from: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101678>
19. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil [Document on the internet]. Rio de Janeiro: IBGE; 2019 [cited 2020 Dec 11]. Available from: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=2101681>
20. Brasil. Ministério da Saúde. Indicadores de vigilância em saúde descritos segundo a variável raça/cor, Brasil. Boletim Epidemiológico. Brasília: Ministério da Saúde; 2017.
21. Agência Brasil. Moradores de favelas movimentam R\$ 119, 8 bilhões por ano [Home-page on the internet]. 2020 [cited 2020 Nov 20]. Available from: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-01/moradores-de-favelas-movimentam-r-1198-bilhoes-por-ano>
22. Jesus V. Racializando o olhar (sociológico) sobre a saúde ambiental em saneamento da população negra: um continuum colonial chamado racismo. Saúde Soc [Internet]. 2020 [cited 2020 Dec 01];29(2):e180519. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0104-1290200180519>
23. Pacheco T. Inequality, Environmental Injustice, and Racism in Brazil: Beyond the Question of Colour. Dev Pract [Internet]. 2020 [cited 2020 Dec 12];18(6). Available from: <http://www.justicaambiental.org.br/justicaambiental/pagina.php?id=1869>
24. Geledés. O que é racismo ambiental [Home-page on the internet]. 2020 [cited 2020 Dec 01]. Available from: <https://www.geledes.org.br/o-que-e-racismo-ambiental/>
25. Gonzaga PRB, Cunha VM. Uma Pandemia Viral em Contexto de Racismo Estrutural: Desvelando a Generificação do Genocídio Negro. Psicol cienc prof [Internet]. 2020 [cited 2020 Dec 01];40:e242819. Available from: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003242819>
26. Baruty A. A pandemia da Covid-19 e a população negra [Home-page on the internet]. 2020 [cited 2020 Nov 20]. Available from: <https://www.brasildefatopb.com.br/2020/07/21/artigo-a-pandemia-da-covid-19-e-a-populacao-negra>

27. Brasil. OpenDATASUS-2020 [Home-page on the Internet]. 2020 [cited 2020 Dec 20]. Available from: <https://opendatasus.saude.gov.br/>



28. Notícia Preta. Negros têm 85% mais chance de morrer por Covid-19 em São Paulo do que brancos [Home-page on the internet]. 2020 [cited 2020 Dez 18]. Available from: <https://noticiapreta.com.br/negros-tem-85-mais-chance-de-morrer-por-covid-19-em-sao-paulo-do-que-brancos/>

